

## **Esquerda e sionismo - Antecedentes históricos**

Da direita sempre se soube.

Do liberalismo não se poderia esperar algo muito diferente de um pragmatismo "über alles".

Do islamismo permanece tão compreensível como injustificável. Mas se o anti-sionismo da esquerda não chega a ser novidade, a forma e a intensidade assumidas a partir dos anos 80 surpreendem a ponto de merecer atenção, para além das alegações humanistas e ideológicas.

Que as quatro formas de anti-sionismo sejam independentes quanto às respectivas origens não impede que seus caminhos e motivações se entrecruzem com maior ou menor freqüência.

Outros afluentes de menor importância contribuem para tornar o questionamento do estado judeu cada vez mais constante.

Na medida em que anti-sionismo e anti-semitismo não raramente se associam[1], poder-se-ia considerar que a categoria "religião" seria especialmente pertinente, permitindo situar no mesmo item pelo menos

parte importante do anti-sionismo de direita (alimentado freqüentemente pelo anti-semitismo medieval) e o anti-sionismo islâmico (significativamente judeofóbico).

Entretanto, o enfoque adotado neste ensaio considera que o aspecto religioso constitui apenas a manifestação aparente de fatores fortemente enraizados no terreno sócio-econômico e ideológico. Desse ponto de vista, tanto o anti-sionismo como o anti-semitismo estariam menos relacionados ao judaísmo propriamente dito do que ao que ele representa para os interesses -- no sentido amplo -- de seus opositores.

Por esse motivo, o presente estudo, que não se pretende exaustivo, recorrerá tanto à história como à psicologia.

-----

As relações entre socialismo e sionismo nunca foram simples. Trata-se de duas utopias, mais conflitantes do que compatíveis, desde que se leve em conta que o marxismo definiu-se por uma concepção internacionalista, em que a luta de classes era amplamente prioritária em relação a qualquer outra preocupação, como o direito das minorias discriminadas à auto-determinação.

O "Bund"[2] foi um movimento de trabalhadores judeus criado no final do século XIX e cuja existência separada em relação aos partidos e organizações de inspiração marxista nunca deixou de ser objeto de discussão. Oficialmente, tratava-se de manter e fazer reconhecer certa particularidade cultural (o Bund não definia o judaísmo nem pela religião nem pela etnia). Subrepticamente, prevalecia a suspeita

inconfessa de que o anti-semitismo seria capaz de encontrar um lugar até na mais lúcida e humanista das ideologias.

O Bund participou da fundação do Partido Trabalhista Social Democrata Russo mas manteve-se como entidade à parte. A sua meândrica trajetória, rica em peripécias e divisões internas, incluiu a participação na Revolução de Fevereiro (menchevique), a oposição à Revolução de Outubro (bolchevique), a posterior adesão (1921) aos bolcheviques (BundKom) e por fim sua integração ao Partido Comunista da União Soviética, que exerceu o monopólio da vida política no país de 1922 até 1991.

A outra utopia não era menos visionária. Em vez de mudar o mundo, abolindo de uma vez por todas a injustiça social, pretendia fundar um país em que os judeus pudessem distribuir-se por todas as atividades e extratos sociais, da mendicidade ao empresariado, do campesinato ao gangsterismo, do operariado à intelectualidade, do artesanato ao comércio, atendendo a uma questão essencial: pela primeira vez em dois milênios, por exercer a soberania sobre uma nesga de terra que fosse[3], os descendentes de Abrão e Sara deixariam de ser uma minoria discriminada e não precisariam viver segregados.

Mas como se história dos judeus houvesse sido escrita por um humorista com pronunciado pendor pela ironia, o Bund foi digerido pela grande máquina que ajudara a construir e Israel se tornou um país-gueto no Oriente Médio. Este ensaio postula que entre esses dois destinos não deixa de haver um vínculo.

-----

O cristianismo foi provavelmente a primeira crença universal, ou seja, que se pretende representativa de toda a humanidade e não de um povo particular. Talvez possa ser dito o mesmo do budismo mas, deixando de lado a questão da prioridade, parece haver uma diferença essencial entre ambas: trata-se do expansionismo, tanto do ponto de vista político e militar como em relação à catequese.

A denominação "Igreja Católica Apostólica Romana" encerra uma contradição em termos, referente aos dois qualificativos que convivem na expressão. Católica (do grego *katolikós*) significa universal, enquanto "romana" é evidentemente um adjetivo particularizante. Sabe-se que o Papado constituiu um centro de poder e participou ativamente das querelas e disputas que agitaram a vida política ocidental desde a era medieval, como se substituísse o império que na véspera do seu colapso havia oficializado o cristianismo. Não é tão descabido supor que Roma sobreviveu através da Igreja, e que o seu domínio se prolongou de alguma maneira até os nossos dias, embora de uma forma totalmente diferente da que teria sido imaginada pelos cézares.

Mais consensual é a constatação de que a fé cristã constituiu o elo de união entre povos com origens e tradições totalmente diferentes. Pela força ou pela sedução, imposta ou desejada, a Igreja de Pedro[4] divulgou e disseminou o Evangelho, nem sempre bem representado pelo clero mas ainda assim testemunho inequívoco de um humanismo possível e absolutamente oposto ao etnocentrismo com seu cortejo de guerras e escravidão. Os inúmeros percalços que marcaram a história das relações entre os interesses do Papado e a ética cristã não impedem que se reconheça o papel exercido pela igreja na criação do que se chama "ocidente".

O movimento protestante é devedor da relativa estabilidade e comunicabilidade entre as diversas culturas da Europa ocidental, da qual o catolicismo foi o principal artífice. Deu-se através do cisma cristão o retorno da particularização, associada ao surgimento do capitalismo, que resultou na formação dos estados nacionais e a concomitante perda de poder do Vaticano. Ainda que bastante modificado em relação à teologia católica, o novo cristianismo do norte europeu não abandonou o seu papel de guia em relação à sociedade, apesar da renúncia ao poder temporal. Instituiu-se a separação entre o trono e o púlpito. A hegemonia da moral cristã só foi abalada significativamente -- isto é, socialmente -- a partir de 1789, no corolário de um lento processo do qual Giordano Bruno e Galileu, heróis da liberdade de pensamento, constituem símbolos privilegiados -- o martírio deslocando-se agora da fé para a razão.

Mesmo assim, em relação ao célebre lema revolucionário, é difícil não admitir que as raízes de "fraternidade" e "igualdade" (senão entre os homens pelo menos perante Deus), remontam aos valores cristãos, ainda que a Igreja tenha sido, enquanto sócia do poder aristocrático, alvo privilegiado dos "*sans culotte*". Que a instituição os tenha transgredido inúmeras vezes não diminui a força de sua presença no âmago do credo. Já "liberdade" revela que na concepção da burguesia há um valor frontalmente contraposto ao código aristocrático-católico, e cabe suspeitar, quando não se compartilha de um otimismo a *ultranza*, que o dístico tricolor talvez seja tão contraditório, desse ponto de vista, como a expressão "Igreja Católica Apostólica Romana".

Supondo que o bastão universalista imperial tenha sido efetivamente passado ao catolicismo e derivado posteriormente, mediante modificação na hierarquia dos respectivos valores, à revolução

burguesa, a próxima hipótese não parecerá implausível: a ditadura do proletariado imprime mais uma inflexão ao famoso lema revolucionário de 1789 e privilegia "igualdade" a expensas de "liberdade". A "fraternidade" (como acontecera no cristianismo), continuou restrita aos comungantes do credo. Essa nuance mostra que o Partido se diferencia menos da Igreja do que da Burguesia; a discordância mais significativa do militante em relação ao crente ficará restrita ao lugar e ao tempo de ingresso no paraíso. O ópio do povo, antes inalado nas catedrais, impregnará cada vez mais as assembleias e reuniões do comissariado.

Enquanto convicção, programa e instituição, o comunismo não é menos universal que o catolicismo e constitui como que a sua versão leiga. A infalibilidade do Papa encontra sua simetria na do Secretário Geral; o materialismo dialético, na versão soviética, adquire os mesmos contornos dogmáticos da teologia promulgada em Roma; os hereges de ambos os credos sofrem a excomunhão e a perseguição, expressa no tratamento dado a revisionistas e trotskystas, de um lado, cátaros e albigenses de outro; a catequese é gêmea da doutrinação; assemelham-se também os embates com a ciência, que se nega à genuflexão perante a doutrina e é acusada de apolítica e atéia (a genética ideológica de Lissenko invade o canteiro onde vicejam as ervilhas mendelianas, Belarmino detém a inquieta terra errante de Galileu em algum ponto de sua órbita). Os valores humanistas do marxismo e dos evangelhos são similarmente transgredidos pelas respectivas práticas institucionais, tanto quanto a austeridade e a continência, pregadas publicamente com entusiasmo, dão lugar ao luxo e à luxúria privados e privativos das hierarquias.

O grande adversário dos credos universalistas é a singularidade, que se traduz em diferença, dissensão, livre arbítrio, rebeldia, individualismo, espírito crítico, ausência de disciplina. Esses poderiam ser os sete desvios revisionistas segundo a vulgata do Partido, certamente derivados do pecado *capital*.

Nessa perspectiva, não será absurdo concluir que o judaísmo está para o catolicismo como o sionismo está para o stalinismo (ou a versão soviética do marxismo), cuja ojeriza ao nacionalismo judeu é herdada pelas diversas correntes da esquerda contemporânea.

A recusa em reconhecer esses dois messias, o espiritual e o materialista, traduz a nostalgia de Sion e uma firme objeção à assimilação. A reivindicação de singularidade permanecerá inaceitável para o universalismo, seja cristão ou marxista, na medida em que é interpretada como arrogância e soberba, consubstanciadas na expressão "povo eleito". Heresia religiosa posteriormente transformada em heresia política, a fidelidade à terra prometida se sobrepõe às lealdades contraídas durante o exílio e será interpretada como traição. "Se eu te esquecer, oh Jerusalém..."

Tanto para a cruz como para a foice e o martelo, o judaísmo representará o passado tribal que se nega a desaparecer, com a agravante, no primeiro caso, do deicídio. Marx refaz o périplo universalista dos apóstolos renegando a perspectiva étnica em benefício da integração à humanidade.

Mas, paradoxalmente, se o apego ao Velho Testamento afigura-se como recusa ao convite da conversão, os judeus serão simultaneamente segregados para desempenhar durante toda a idade

média e sem alternativa essa tarefa tão indispensável quanto indigna de um cristão, o comércio de bens e de dinheiro, transformando-se em leprosos morais e arautos de uma transformação julgada tão inevitável como temível. Os reis da antiguidade costumavam matar os mensageiros portadores de más notícias.

Na União Soviética, tudo se passa como se os filhos dos barbudos de solidéu, devido a uma longa familiaridade com letras incompreensíveis, algebricamente destituídas de vogais, às quais não raro se atribuem significados ocultos e valores numéricos, fossem julgados particularmente aptos ao paciente confinamento nos laboratórios científicos -- mais um gueto. Os estudos, por seu lado, nunca deixaram de ser considerados suspeitos aos olhos da burocracia ciosa de controle sobre qualquer forma de atividade, sobretudo quando escapa à compreensão. Entre a cabala mística e a pesquisa científica estabelece-se um parentesco via magia, apto a despertar no leigo desconfiança e temor, uma combinação explosiva.

Obviamente os judeus não foram os únicos banqueiros e comerciantes da idade média e muito menos monopolizaram a pesquisa científica no mundo socialista. Entretanto, enquanto funções ligadas a um poder desconhecido, potencialmente subversivas em relação ao *status quo* e nessa medida facilmente metaforizadas como "estrangeiras", não surpreende que o povo do livro -- bíblia, caixa ou matemática -- ficasse particularmente exposto sempre que fosse conveniente bloquear os fluxos monetários e científicos de uma maneira mais drástica. Não menos importante, tratava-se igualmente de advertir o próprio rebanho com punições tão exemplares como refratárias à solidariedade -- porque incidiam sobre o "outro".



Evidentemente, além dos úteis, motivos suplementares, bem mais prosaicos e agradáveis, contribuem pra explicar as pilhagens e os massacres medievais bem como a limpeza de departamentos inteiros do partido para a ascensão de quadros confiáveis, enquanto os cosmopolitas iam conhecer a Sibéria. A invasão predatória dos guetos e a substituição maciça dos bilíngües (quase sinônimo de traição) seguiu de perto o modelo do "potlach", regado pela generosidade involuntária das vítimas.

O termo "cosmopolita" assinala a facilidade com que a crítica passava do foco sobre o tribalismo exclusivista para o anátema dirigido ao internacionalismo apátrida, conforme as conveniências do estado soviético. Similarmente, a igreja condenará tanto o arcaísmo do Velho Testamento como a destruição do mundo medieval pelos agentes da riqueza fiduciária.

Subjaz à vituperação ideológica dirigida à genética mendeliana a idéia de que as leis da hereditariedade constituem uma forma de racismo, algo intolerável para uma teoria regida pela supremacia da consciência política, segundo a qual o materialismo dialético, aplicado à agricultura, está apto a transformar o processo de germinação das sementes para adaptá-las às condições climáticas da pátria do socialismo.

Similarmente, as tradições étnicas e culturais devem ceder diante do conceito de uma nova humanidade, cuja única forma de identidade será a do comunista leal ao partido. O sacramento do batismo não faria melhor.

Outro tanto se passa em relação à terra catatônica de Belarmino, mas desta vez, e inversamente, trata-se de obrigar a natureza à imobilidade, metáfora do repúdio à transformação social derivada do

desenvolvimento da ciência. Nada mais justo. O pensamento, quando livre da tutela eclesiástica, é capaz de descobertas e portanto sabota o poder dos representantes da verdade revelada.

-----

De acordo com a forma de universalismo (o multiculturalismo) professada pela esquerda oficial contemporânea -- concebida nos arroubos amorosos de outubro -- o sionismo será alvo das críticas de nacionalismo e xenofobia, eventualmente exacerbadas mediante a atribuição de racismo. (*Estado Judeu* é uma expressão cada vez mais pronunciada em tom pejorativo). Suplementarmente, ao sionismo se debita a diferença em relação ao entorno -- recusa da assimilação, desta vez perante a cultura do Oriente Médio -- e principalmente o pecado da aliança com os Estados Unidos, dolo máximo na era da cruzada anti-americana.

A forte crítica dirigida à coerção intelectual das encíclicas papais não implica no repúdio ao papel de guia ético e intelectual da humanidade, ao qual o clero esquerdista aspira desde a erosão do regime soviético. Frente às respectivas exigências, o sionismo repete o pecado do judaísmo medieval, que recusara a evidência inquestionável dos Evangelhos. A luta contra o satã de nossos dias, que a esquerda emotiva entende como americano (mais do que capitalista), exige a conversão à teologia ideológica, que define o Bem e o Mal. Se todo inimigo do inimigo é um amigo, então todo amigo do inimigo é um inimigo. Para ser benevolente com Israel, a esquerda estipula que Jerusalém precisará aceitar as exigências atribuídas ao povo palestino, embora as mesmas procedam de fato das ditaduras do Oriente Médio[5] e do fundamentalismo islâmico.

Como a esquerda israelense defende a mesma posição da esquerda internacional, perde votos a cada eleição, assim como aconteceu com o partido comunista, que desde a ascensão de Stalin (1929) seguiu as diretrizes do Komintern.

Para o anti-americanismo militante dos setores dominantes da esquerda, a destruição de Israel e/ou do seu caráter de estado judeu é um preço aceitável para ingressar ao paraíso dos crentes. Tornar-se um membro politicamente correto da esquerda implica em repudiar o sionismo. Exatamente como no caso da conversão, de quem acata o dogma ideológico espera-se como prova de adesão o sacrifício da própria identidade. O campo progressista considera o sionismo tão condenável como o judaísmo havia sido para o catolicismo da idade média e os regimes conservadores europeus (séculos XIX e XX)[6], incluindo o stalinismo. Quando a direita e a esquerda ultrapassam certo grau na escala Richter ideológica, as construções antigas são arrasadas. Exige-se fileiras cerradas e idéias uniformizadas; a diferença torna-se abominável.

Em outras palavras, a esquerda impõe ao judeu o abandono da reivindicação à sua identidade étnica e agora também nacional. Nenhuma novidade: o partido comunista da União Soviética fez o mesmo em relação ao Bund.

As semelhanças entre os atuais delitos atribuídos ao estado judeu e o papel outorgado ao judaísmo na Europa clerical não param por aí. Estados Unidos tornou-se sinônimo de capitalismo, logo dinheiro, logo exploração. A aliança entre os americanos e Israel reedita a célebre imagem do judeu usurário, ávido por riquezas, criada na Idade Média, e

que a esquerda (inclusive os respectivos judeus) cultiva "à socapa", ou seja, de maneira inconfessa.

A esquerda oficial, na qualidade de guardiã dos valores solidários, condena inapelavelmente o capitalismo. A luta de classes é sobreposta ao conflito do Oriente Médio e as condições de vida da população palestina são atribuídas à exploração israelense, apesar de todas as evidências em contrário -- desde o generoso montante das doações a fundo perdido, que fazem da Autoridade Palestina a principal beneficiária da ajuda financeira internacional, até o extraordinário grau de corrupção do seu governo.

Embora o respectivo discurso condene o lucro com termos que poderiam passar por enunciados da moralidade medieval, os representantes da esquerda, assim como era praxe no clero em relação à concupiscência, tampouco se (...) privam, muito pelo contrário, dos produtos exibidos nas vitrines do capitalismo. Nesse sentido, repete-se o contraste entre os valores alardeados oficialmente e o efetivo estilo de vida da *Nomenklatura*, tanto no leste europeu como em Cuba.

Talvez por isso sobre Estados Unidos e Israel seja lançada uma crítica nada alheia ao que a psicanálise descreve mediante o conceito de projeção. Em acréscimo, ao sionismo são atribuídos generosamente os crimes que efetivamente foram cometidos pelos regimes auto-denominados socialistas.

Da mesma forma que entre a doutrina cristã e as práticas institucionais da Igreja medieval há um abismo, como demonstrado pela Inquisição, o descompasso entre o humanismo marxista e as práticas efetivas do

aparato comunista não poderia ser maior, como demonstrado pelo Gulag.

O "cosmopolitismo", epíteto eufêmico elaborado na era stalinista para culpar os judeus russos de simpatia pelo sionismo, volta a entrar em cena, devidamente *aggiornato*. Serve agora de modelo à acusação de que Israel representa os interesses da potência capitalista no Oriente Médio, mote preferido da atual esquerda.

As acusações de arcaísmo tribal e modernização globalizante se conjugam com total desenvoltura no arrazoado anti-sionista desenvolvido pela esquerda, e se articulam perfeitamente com as diatribes proferidas em nome do Islã. Para ilustrar esse ponto, basta referir o teor do livro publicado em 1986 pelo ex-ministro de defesa da Síria, Mustafá Tlass,[7] que ressuscita *ipsis litteris* o libelo de sangue medieval, bem como a sua versão atualizada, expressa pela denúncia da inoculação do HIV em 300 crianças palestinas[8]. Entre os intelectuais de esquerda, das declarações de Saramago e Chomsky passando pelos artigos de Tony Judt e chegando aos livros de Ilan Pappé e Norman Finkelstein, as correspondências com o discurso do Hamas e do Hezbollah são marcantes -- e incorporam igualmente o libelo de sangue, que assume a forma do assassinato a sangue frio de Mohammad Djamal Al Dura, com 12 anos de idade, pelo exército israelense.

Charles Enderlin, correspondente do canal oficial France 2 em Israel, editou um filme-registro do crime, de acordo com o testemunho de sua câmera, Talal Abu Rama, segundo quem os soldados impediram a aproximação de ambulâncias para que o menino se esvaísse em sangue até a morte.[9]

Tanto para a esquerda ocidental como para a direita feudal do Oriente Médio, Israel personifica simultaneamente o isolamento e a globalização, a anacronia nacionalista e o futuro ameaçador, a cidadela dos tempos bíblicos refratária ao multiculturalismo contemporâneo e o anexacionismo que ameaça seus vizinhos com novas formas de colonialismo, baseadas na mais sofisticada tecnologia.

A crítica ao arcaico tribalismo judeu em simultaneidade com a denúncia da tecnologia que assegura sua sobrevivência, impedindo que uma maioria desproporcional derrube a Bastilha israelense (o que nunca deixa de ofender a expectativa progressista de que as "massas" sejam vitoriosas), conjuga dois dos principais pecados contemporâneos conforme o catecismo da esquerda.

O discurso das ditaduras do Oriente Médio traduz sobretudo o medo à modernização da região. Parece-se muito, nesse sentido, à reação da igreja renascentista diante da emergência simultânea da ciência e da burguesia. Entre inquisição e fundamentalismo islâmico o grau de parentesco é tão próximo que evoca a consangüinidade, apesar da diferença de credo. Em ambos os casos trata-se da forma pseudo religiosa assumida pela resistência encarniçada do poder feudal às transformações sociais e econômicas.

A esquerda também deplora no sionismo o pecado original de não confiar na utopia socialista, que se propunha resolver de uma vez por todas a discriminação e a segregação das minorias, em consonância com o novo evangelho marxista. Entretanto, o exemplo da União Soviética -- ou do socialismo real -- não é de molde a recomendar nem a ditadura do proletariado nem a adesão a ideologias fundadas na disciplina do pensamento único, segundo o modelo teológico medieval.

Para os regimes castrenses, teocráticos e aristocráticos do Oriente Médio, a imagem preferida de Israel condiz com a da globalização invasora. Diferentemente, na concepção dominante na esquerda o sionismo representa antes de mais nada a rejeição aos valores universais do seu credo. A aliança, porém, permitiu o intercâmbio de acusações. Nesse sentido, Israel também é o estado judeu, intruso no Oriente Médio, país diminuto e dissonante a ser tratado de acordo com o mesmo estatuto da "*dhimmitude*"[10] que o Islam aplica às minorias infiéis; reciprocamente, a esquerda acrescenta ao volumoso dossiê anti-sionista a acusação merecida pelo agente do colonialismo opressor e anexacionista.

-----

Um intercâmbio semelhante, ou seja, subreptício mas nem por isso menos eficiente, vigora entre a negação do Holocausto europeu, advogada pela direita ocidental[11], e a negação da tentativa de um novo Holocausto no Oriente Médio, advogada pela esquerda.

A guerra de 1948 iniciou-se precisamente sob a égide de um novo massacre, que somente não aconteceu em virtude da derrota dos invasores. Em todos os povoados judaicos tomados por tropas sírias ou egípcias os habitantes foram mortos com requintes de sadismo e seus cadáveres mutilados. Entretanto, o grande crime cometido na guerra, se for levado em conta o monumental coro anti-sionista, passa por ser a expulsão da população árabe -- que em sua quase totalidade fugiu da região conflagrada, como costuma acontecer com civis que têm onde refugiar-se.

A alegação da expulsão pertence à segunda versão do mito da ocupação, que se inicia com a acusação de que a imigração judaica, iniciada no fim do século XIX, desapropriou a população nativa das

suas terras. As evidências, porém, novamente contrariam essas afirmações. Os dados disponíveis permitem dizer exatamente o contrário: as condições de vida criadas pela imigração judaica, que superou as consideráveis dificuldades encontradas nas extensões ermas e estéreis da periferia do Império Otomano, depois Palestina, atraíram contingentes populacionais consideráveis das regiões vizinhas, de acordo com o que a demografia sempre constatou: o desenvolvimento econômico promove movimentos migratórios nas proximidades comparativamente estagnadas. A infra-estrutura erguida pelos imigrantes -- rede sanitária, eletrificação, irrigação, comunicações, traduzida em mercado de trabalho e comércio -- ofereceu uma qualidade de vida até então desconhecida nessa parte do Oriente Médio.

A modificação da situação sócio-econômica de seus governados fez com que a classe dominante local entrasse em guarda. Daí à incitação contra

---

[1] Afirmação apta a provocar os protestos mais veementes.

[2] "Algemeyner Yidisher Arbeiter Bund in Lite, Poyln und Russland ou União Geral de Trabalhadores Judeus da Lituânia, Polônia e Rússia. O Bund foi fundado em Vilna, Lituânia, em 1897.

[3] Vinte e sete mil quilômetros quadrados.

[4] Cujo nome judeu era Shimon, ou Simão.



[5] Inclusive a da Autoridade Palestina, quer sob a direção do Fatah ou do Hamas.

[6] Talvez incluir o fascismo e o nazismo na categoria de "regimes conservadores" constitua um eufemismo, mas não é difícil constatar a existência de um elo entre os massacres medievais, a Inquisição, a discriminação das pseudo democracias (caso Dreyfus), a *dhimmitude*, os pogroms e a solução final.

[7] "*The Matzah of Zion*", cujo prefácio afirma que "o judeu pode tirar o seu sangue para confeccionar o pão sionista". Em 1993 o General Tlass apresentou o referido livro - um *best seller* - na ONU.

[8] A denúncia foi feita em março de 1997 por Nabil Ramlawi, representante da OLP na ONU, na sede de Genebra.

[9] Atualmente a justiça francesa está julgando em segunda instância uma ação de calúnia movida por Enderlin contra Philippe Karsenty, do Media Rattings, que acusou Enderlin de veicular informações falsas. Funcionários da Rádio Televisão Francesa admitiram -- não havia mais como ocultar -- que o filme não fornece qualquer prova de que os tiros provieram das posições ocupadas pelo exército israelense. Resta agora à emissora sustentar que não se pode duvidar da boa fé de seus funcionários e que os atos terroristas cometidos a pretexto de vingar Al-Dura não são da sua responsabilidade. (As reconstituições mostram que somente projéteis disparados do local onde havia armas palestinas tinham como atingir o local em que os Al Dura, pai e filho, estariam abrigados). Mas a exibição integral das cenas deu lugar a suspeitas ainda mais graves: há vários indícios de que o vídeo foi encenado, mediante procedimentos de montagem típicos de um filme de ficção.

[10] Condição de cidadão de segunda classe nos países muçulmanos, resultante de um acordo (= *dhimmi*), aplicada a residentes cristãos e judeus.

[11] Com a adesão de Mahmoud Ahmadinejad, presidente do Irã.

---

*Consulte mais sobre esse e outro títulos do autor:*

[www.franklingoldgrub.com](http://www.franklingoldgrub.com)